

GT -

LITERATURA DE CORDEL EM SALA DE AULA: LINGUAGEM E INCLUSÃO SOCIAL

LIMA, Judite (Letras/UEPB)
judite43@gmail.com
SANTIAGO, Zélia M. de Arruda
(DE/UEPB)

RESUMO

Este trabalho apresentará resultados de experiências que serão vivenciadas no Projeto Didático “Literatura de Cordel em sala de aula” elaborado na disciplina de Língua Portuguesa com pretensão de trabalhar a leitura e a escrita com diferentes alunos do 1º ano do Ensino Médio de (São Vicente do Seridó-Pb) no período de julho-setembro/2014, focalizando a língua materna em seus diferentes usos e manifestações linguístico-discursivos na vida cotidiana das pessoas, também, circulantes no ambiente macrossocial, especialmente no espaço escolar. As atividades didático-pedagógicas focalizaram estimular a comunicação em sala de aula, uma vez que a literatura de cordel valoriza a cultura popular conhecendo sua estrutura e utiliza diferentes cordéis para a construção de uma leitura mais ampla. Além de reconhecer o processo histórico do cordel até os dias de hoje e como foi sua chegada ao Brasil e sua adaptação na região Nordeste, também a valorização e sua forma de ser vendido. Mas para este trabalho focalizou-se o cordel como um instrumento linguístico-discursivo mais próximo da realidade cotidiana da língua falada e escrita entre várias faixas estarias, sobretudo entre os jovens. Esta discussão apóia-se nas contribuições de autores que difundem a literatura de cordel como fonte de saberes socioculturais, defendendo seu uso na sala de aula como forma de dinamizar o ensino a língua oral e escrita. O cordel possibilita a educador-educando maior proximidade com os saberes da língua portuguesa, além de expandir o conhecimento dos educandos quanto à leitura e a escrita, explorando diferentes caminhos para a concepção de leitores.

Palavras-chave: Escola. Cordel. Linguagem. Inclusão social.

RESUMEN

Este trabajo presenta los resultados de experiencias en la enseñanza del Proyecto "Aula de Literatura de Cordel" desarrollados en la disciplina de lengua portuguesa para trabajar con la lectura y la escritura con diferentes estudiantes de primero año de la escuela secundaria (Seridó-PB) en el período de julio a septiembre / 2014, centrándose en la lengua materna en sus diferentes usos y manifestaciones lingüístico-discursivas en la vida cotidiana de las personas, también circula en el entorno macroeconómico, especialmente en la escuela. Las actividades de enseñanza-aprendizaje se centraron en el fomento de la comunicación en el aula, ya que los valores de la literatura Cordel cultura popular conocer su estructura y usos de diferentes cadenas para la construcción de una lectura más amplia. Además de reconocer el proceso histórico de la cuerda hasta el día de hoy, y cómo fue su llegada a Brasil y su adaptación en el nodeste, y también la valoración de su manera de ser vendido. Pero para este trabajo fue enfocado cadena como la que más cerca de la

realidad cotidiana de inglés hablado y escrito a través de múltiples tracks'd ser instrumento lingüístico-discursiva, especialmente entre los jóvenes. Esta discusión se basa en las contribuciones de los autores difunden la literatura Cordel como fuente de conocimiento sociocultural, abogando por su uso en el aula como una forma de simplificar el lenguaje oral y escrito enseñar. La cadena permite al educador-alumno más cerca del conocimiento de la lengua portuguesa, además de ampliar el conocimiento de los estudiantes acerca de la lectura y la escritura, explorando diferentes formas de diseñar los lectores.

Palabras clave: Escuela. Cordel. Idioma. La inclusión social.

INTRODUÇÃO

O cordel permite o contato da linguagem popular com os acontecimentos reais de uma determinada realidade local. Este contato com elementos mais próximos da realidade do aluno e dos professores pode colaborar para o desenvolvimento da leitura e da escrita, pois o vocabulário usado na Literatura de Cordel é ou pode ser mais parecido à linguagem do dia-a-dia do aluno, tornando a compreensão de textos mais fácil. Nessa conjuntura de absorção do saber, o projeto “Literatura de cordel na sala de aula” terá como desafio as limitações dos discentes no entendimento da pesquisa uma vez que os mesmos estão tendo contato pela primeira vez com elaboração de cordel, tendo que realizar entrevistas com pessoas idosas da cidade, sendo que os mesmos não têm e nunca tiveram a frente da algo parecido. Tendo em vista esse pressuposto e observando-se a necessidade de promover e consentir o fácil entendimento, optamos pela elaboração de projetos didáticos que pudessem corresponder a essas demandas.

No entanto o desenvolvimento e preparação do projeto busca gerar progresso e denominação do ensino com uso de exemplares didáticos de cordel e da leitura no âmbito escolar, induzindo os alunos ao entendimento e aos mecanismos pertencentes ao cordel e todos seus elementos e caracterização. Permitindo-lhes a observação de forma clara e objetiva quanto seus recursos didático-pedagógicos são capazes de despertar o interesse, devido a múltiplos fatores, entre eles o ritmo, a métrica, a musicalidade, a estrutura, a utilização do material como sendo a madeira para construção da xilogravura, a tinta e a forma como são impressas, isso na tentativa de chamar a atenção do aluno participativo para o trabalho desenvolvido em sala de aula. Além disso, a Literatura de Cordel nos remete a xilogravura de cordel, que faz as estampas e as ilustrações dos folhetos do Cordel, sendo a impressão de gravura vazada, utilizando-se placas de madeira (molde), papel e tinta. Segundo LUYTEN (2005):

Antigamente, isso era feito com simples recursos tipográficos, como vinhetas e outros pequenos enfeites. Depois se passou a usar clichês com base em um desenho ou tirados de cartões-postais. (...) Tudo começou com agora famoso Mestre Noza, em Juazeiro do Norte. Ele sempre foi santeiro conhecido (entalhador de estátuas) e, e resolveu cortar uma tabuinha para servir de capa a um folheto. A coisa deu certo e a aceitação foi imediata.

Além de possibilitar a participação funcional e constante do educando, respondendo com entusiasmo a atividade proposta. Essa abordagem diferenciada também permite uma interação prazerosa e proveitosa entre o educador e o aluno. Além de conhecer o contexto histórico que submerge os avanços atuais da tecnologia, e os benefícios que essa tecnologia pode trazer na ampliação de procedimentos para a melhoria da escrita e da construção do produto final.

A linguagem empregada no cordel é mais próxima a linguagem falada pelos componentes do primeiro ano, por ser, em sua maioria, escritos por autores nordestinos tratando da própria cultura nordestina. O Cordel, é uma forma mais tradicional e popular da literatura, é escrito para ser lido e cantado. Feito em versos, com vocabulário acessível e estrutura rítmica cativante, a história corre como uma canção bonita. Sem nos darmos conta, a aventura já terminou. Essa forma de expressão popular apresenta uma riqueza cultural que pode ser explorada pelas unidades escolares, a partir da divulgação da produção cultural do povo e da região em que a escola está inserida.

O gênero “Literatura de Cordel” promulga em seus versos linhas definidas da disparidade cultural presente na sociedade brasileira, cada região tende a proclamar seu modo de viver, suas tradições, suas crenças em produções características de sua região. Utiliza-se de sua linguagem, sua visão de mundo, seus problemas, suas lendas e seu cotidiano. A ausência de sensibilização e de concentração sobre a variedade cultural e estética da cultura regional beneficia o distanciamento do aluno de suas genealogias histórico-geográficas, propiciando um processo de alienação cultural. Percebemos que, nos meios escolares, a Literatura de Cordel precisa ser estimada, concebendo essas características que compõem a identidade de cada região e a espontaneidade da Arte Popular.

METODOLOGIA

O projeto funda-se numa metodologia participativa, cujas ações admitem o desempenho ativo dos participantes, valorizando suas informações e conhecimentos,

envolvendo-os nas discussões, identificações e abrangência sobre o conteúdo abordado.

O trabalho de pesquisa terá como base uma investigação a respeito da criação de Seridó com diferentes pessoas a fim de que seja admissível a construção de uma ideia primária a respeito do modo pelo qual ficará organizado o projeto. Contudo iniciaremos analisando literatura específica a respeito do assunto e através de informações prévias, também utilizaremos a tecnologia para investigações e aprofundamento do conteúdo. Assim sendo faremos um esboço de como deverá ser o cordel. O desmembramento do projeto terá dois meses, pra mais ou para menos, dependendo do decorrer das fontes e também dos participantes, produzirá também oficinas onde serão apresentadas alguns cordéis, lidos algumas histórias. Serão promovidas rodas de leituras, na sala de aula, reescritas de textos, pesquisas e produções textuais para serem apresentados para outras turmas de ensino médio e feira de ciências da escola. O trabalho tem o propósito de ser apresentado de forma dinâmica e descontraído como; peça teatral realizada pelos alunos “*Maria de todo jeito*” (baseado no poema de mesmo nome de patativa do Assaré) além das leituras já informadas.

Avaliação conterà uma forma processual, sistemática e sucessiva contemplando especificidades e desenvolvimentos prévias, identificando, registrando e relatando os resultados alcançados, tomando decisões quanto aos necessários ajustes, revisões e reorientações relacionadas à técnica e à prática pedagógica. O aluno poderá ser avaliado também através do interesse e da participação durante as atividades. Ao término deste projeto, de Literatura de Cordel, possamos observar o veículo do imaginário popular recompõe os caminhos oblíquos do olhar matuto, reconstitui a maneira do sertanejo reagir ao mundo e, mais do que isso, deixa pistas do preceito abstruso sobre o qual se edifica seu sentimento de debate.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

ORIGEM DA LITERATURA DE CORDEL

A literatura de folhetos iniciou nos séculos XVI e XVII, acarretada pelos portugueses cuja venda era regalia dos cegos. Século XIX o romancista nordestino tornou-se independente, com característica própria, esse nome surgiu a partir de um

cordel ou corda em que os folhetos eram suspensos em apresentação. No Brasil a literatura de cordel, nos chegou por meio dos colonizadores lusos, em “*folhas soltas*” ou “*manuscrito*”.

Segundo Abaurre (2005) em muitas partes do Brasil a venda dos folhetos sucedia de modo parecido, principalmente, nas feiras, quando os folheteiros distribuíam seus cordéis dentro de uma mala, expostos no chão em cima de um pano ou de uma banca para promover a fuga caso houvesse fiscalização no local. Sendo uma produção cultural tipicamente popular, traz em seu cunho representante popular, através da editoração de folhetos, que contemplam temáticas que englobam todo um universo imagético, do povo da região Nordeste e do Brasil. Ainda com o autor, poeta popular dedica parte de sua produção a representar a figura feminina em suas múltiplas e facetadas identidades.

LITERATURA DE CORDEL

De acordo com Varela (1981) os folhetos de cordel brasileiro, com seus diversos assuntos e significativa forma de composição poética, têm sido elementos de estudo para pesquisadores do nosso país e também estrangeiros. Os escritos de cordel poeticamente estruturados tendo como a sextilha como estrofes fundamentais são ilustradas com xilogravuras, fotografias, desenhos e outras composições gráficas e proporcionam farto material para análises ensejando diversas interpretações que enviam para a totalidade sócio-cultural em que se põem cada texto. Assim, os folhetos sobre os mais caracterizados temas, tradicionais ou contemporâneos são versificados por inúmeros poetas populares, estabelecendo-se relações icônico-textuais expressivas, ou outras intratextual.

XILOGRAVURA

Para Herskovis (1987) a xilogravura, arte e técnica registrada em madeira é de provável origem chinesa, sendo conhecida desde o século VI. No Ocidente, ela já se afirma durante a Idade Média, através das iluminuras e confecções de baralhos. Mas até então, a xilogravura era apenas técnica de reprodução de cópias. Só mais tarde é que ela começa a ser valorizada como manifestação artística em si. A partir da década de trinta, surgiram folhetos trazendo nas capas clichês de artistas de cinema, fotos de postais, retratos de Padre Cícero e Lampião. As xilogravuras ou “tacos”, como ainda hoje preferem chamar os artistas populares, usando madeiras leves, como umburana, pinho, cedro, cajá. Na xilogravura, a resistência maior ou menor – da madeira sofre transformações.

A HISTÓRIA DA LITERATURA DE CORDEL NO NORDESTE

Segundo Silva (1979) o primeiro folheto que se tem notícia foi publicado na Paraíba por Leandro Gomes de Barros, em 1893, acredita-se que outros poetas tenham publicado antes, como Silvino Pirauá de Lima, mas a literatura de cordel começou mesmo a se popularizar no início deste século.

Conforme Pinheiro (2011), “qualquer sugestão metodológica no campo do trabalho com a literatura de cordel pressupõe este envolvimento afetivo com a cultura popular”. Mas não se deve esquecer que o docente mesmo tendo que ter afinidade com a Literatura de Cordel, também deve pensar sobre os seus futuros leitores, ou seja, os seus alunos. Com relação às experiências vividas entre o docente e a sala de aula.

Tardif (2002) colabora de forma sistemática ao afirmar que o saber do professor não se reduz exclusivamente de processo mentais, cujo suporte é a atividade cognitiva dos indivíduos, mas é também um saber social que se manifesta nas relações complexas entre eles e seus alunos. São muitas as questões levantadas acerca da prática de leitura em sala de aula realizada pelos docentes, já que um dos principais desafios do ensino reside justamente nas dificuldades encontradas nas aulas de leitura. Cosson (2009) afirma que através do letramento literário não se pode simplesmente exigir que o aluno leia a obra e ao final faça uma prova ou ficha, pois a leitura é construída a partir dos mecanismos que a escola desenvolve para a proficiência da leitura literária.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante do que foi abordado e proporcionado na aplicação de modelos didáticos para o ensino de cordel nota-se que haverá um bom aproveitamento na realização. Todos aqueles que participarem da percepção e elaboração deste projeto terão a oportunidade de expressar, representar e de solidificar seus conhecimentos na área estabelecida, a satisfação partirá da repercussão do projeto na sala de aula. Então nos mostra a visão e o respeito do alunado ao se empenharem cada vez mais nos projetos propostos

pela escola. Os trabalhos serão feitos em equipe, para que possam ter interação uns com os outros, e também para que os estudos se direcionem para a pesquisa do cordel. Os cordéis poderão assim ser usados como um recurso extra as aulas expositivas, melhorando a interação, a participação e o processo de aprendizagem. Ficou assim evidente que o uso da leitura em sala de aula, da pesquisa e de elaborações em grupos só contribui para enriquecimento dos conhecimentos dos alunos.

O projeto terá como culminância uma encenação do cordel de Patativa do Assaré “**Maria de todo jeito.**”

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M; PONTARA, Marcela, **Literatura Brasileira: tempos leitores e leituras**, volume único, São Paulo, editora moderna, 2005.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Ed. Contexto, 2009.

CORDEL, Literatura de. Disponível em: [www.guiape.com.br/culturais/literatura de_cordel.html](http://www.guiape.com.br/culturais/literatura_de_cordel.html).

HERSKOVIS, Anico. Xilogravura, arte e técnica. Ed. Porto Alegre - RS- Brasil, 1987;

LUYTEN. Joseph M. **O que é Literatura de Cordel?** São Paulo: Brasiliense, 2005.

PINHEIRO, Hélder (org.). **Pesquisa em literatura**. Campina Grande: Bagagem, 2011.

SILVA, Telma Camargo Da. **Por uma literatura sóciocrítica dos folhetos de Leandro Gomes de Barros**. Folclórica nº 7, 1979. Sec. Goiás.

SITES: Fonte do texto: Wikipédia Fonte imagem: <http://giseleteixeira.files.wordpress.com/2009/11/normal_cordel_jborges13-02-08.jpg>

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VARELA, Sebastião. O candango na Fundação de Brasília, 1981.